

Problemas da literatura comparada contemporânea: encruzilhadas literárias

Harion Custódio* 

Introdução

A literatura comparada, como afirma Eduardo Coutinho, constitui-se em disciplina no século XIX, seguindo a crescente tendência da compartimentação do saber nos meios acadêmicos impulsionada pela adoção do método científico como propriedade preponderante da produção de conhecimento. Por literatura comparada, é importante dizer, entende-se o campo de estudos que surgiu em oposição ao estudo de literaturas nacionais, tendo como objeto o estudo de interação entre textos de culturas, nações e línguas diferentes. Vale ressaltar que o comparatismo no âmbito dos estudos literários e filológicos era uma prática antiga, mas a constituição do comparatismo literário como disciplina sistemática se deu somente no século XIX. Coutinho (2016), entretanto, aponta para a contradição de se sistematizar e compartimentar uma disciplina como a literatura comparada, campo do conhecimento marcado, desde o início, pela transversalidade, o que torna difícil uma delimitação rígida em relação às outras áreas do conhecimento. Desde seu surgimento, a literatura comparada é configurada por essa fragilidade de fronteira, fraqueza que pode se revelar, no entanto, como uma força.

Após seu estabelecimento como disciplina no século XIX, a literatura comparada será robustecida no meio acadêmico no século XX (COUTINHO, 2014). Deste período, Coutinho cita a *Revue de littérature comparée*, iniciada em 1921 e que viria a ser um dos principais veículos de promoção dos estudos em literatura comparada, bem como a publicação do manual de Paul Van Tieghen, *La littérature comparée*, amplamente difundido na época (COUTINHO, 2014). Nota-se, portanto, a preponderância da escola francesa sobre os estudos na área, vindo a influenciar fortemente também o campo no Brasil. Os paradigmas da escola francesa, e da literatura comparada em seus primórdios, eram de ordem historiográfica, “calcad[os] na pesquisa de fontes e influências e restringia o alcance da disciplina ao terreno das aproximações binárias e à constituição de ‘famílias literárias’” (COUTINHO, 2014, p. 22). Assim, os estudos que marcaram a fundação e os manuais desta disciplina tinham como orientação a identificação de contatos reais entre autores de distintos países e sistemas literários, a forma como houve influência a partir deste contato, a identificação de fontes em comum e a filiação a uma escola literária. O fenômeno do contato era, sobretudo, analisado de uma perspectiva extrínseca, isto é, deixando em segundo plano o “fenômeno literário”, forma de comparação de caráter “epidérmico” e “detetivesco” (COUTINHO, 2014). O estudo de fontes e influência era marcado, cabe ressaltar, contraditoriamente, por nacionalismos e disputas sobre qual país teria fornecido o empréstimo literário, ganhando ar de disputa geopolítica (WELLEK, 1994).

* Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Non-resident fellow do Hutchins Center na Harvard University, Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7733-4899>. E-mail: harion.custodio@fulbrightmail.org

Há que se ter em consciência também o espírito científico e acadêmico do contexto do século XIX no qual formas de comparatismo, sobretudo entre estruturas, estavam em voga, vindo a afetar também os estudos literários europeus. Assim, “o surgimento da literatura comparada está vinculado à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX, época em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais” (CARVALHAL, 2006, p. 8). Soma-se a esta cultura científica o advento da prática da relatividade, que viria a disputar espaço com aquilo que Tânia Carvalhal chama de “gosto clássico”.

Os trabalhos acerca da gênese e origem da literatura comparada são muitos e conhecidos por estudantes de letras, e não se trata aqui, no espaço deste artigo, de traçar um panorama completo desta disciplina.¹ Interessa, entretanto, delinear brevemente os principais paradigmas deste conjunto epistêmico e apontar o ponto no qual estes preceitos são superados. A tendência predominante da escola francesa de estudos de fontes e influências na literatura comparada será questionada a partir da publicação de “A crise da literatura comparada”, de René Wellek, e contraposta a um método de leitura e análise focado principalmente no texto. Viria a tomar um espaço preponderante, então, a Escola Americana, “influenciada pelo formalismo russo, pela fenomenologia e pelo new criticism americano” (COUTINHO, 2014, p. 24). Desta nova e renovada abordagem ao estudo de literatura comparada, resultam como linhas de força: a substituição do historicismo, que fica no nível das influências e semelhanças somente, pela historicidade do texto, isto é, sua relação com o seu contexto de produção e sua dimensão histórica; a aproximação da literatura comparada à literatura geral, tomando como possível o estudo comparatista no interior de uma literatura nacional; a substituição do descritivismo pela abordagem crítica e teórica, com vistas ao estudo do texto.

René Wellek lança as bases para o que se tornaria, assim, o “novo comparatismo”, provocando a abertura de perspectivas de comparação, tornando-se mais interdisciplinar, porém, mantendo o aspecto de metodologia científica tão presente na escola francesa clássica ao propor a base das comparações em estudos literários na “literariedade” do texto. Vale ressaltar, de acordo com Coutinho (2014), que, apesar da renovação da literatura comparada e da expansão do campo além do cânone, sua base universalista e etnocêntrica continuaria marcante. Em consonância com o aspecto universalizante da escola americana, destaca-se também como uma vertente nestes estudos a apolitização, isto é, uma tendência em recusar aspectos políticos e sociais do horizonte da interpretação. Entretanto, o universalismo e a apolitização marcantes das duas escolas mencionadas apontam para um mesmo problema, isto é, o eurocentrismo presente no fundamento da disciplina. A leitura com base em elementos universais escamoteia o movimento de tornar o cânone europeu como parâmetro da universalidade, assim como a exigência de apolitização e neutralidade esconde o caráter eurocêntrico da disciplina, desmobilizando reivindicações de grupos minoritários.

O campo dos estudos em literatura comparada tem se expandido e transformado nas últimas décadas. Ressalta-se, sobretudo, o papel de novos sujeitos epistêmicos e atores políticos, a saber, o papel

¹ Além dos trabalhos de Tânia Carvalhal (2006) e do volume *Literatura comparada: textos fundadores*, organizado por Eduardo Coutinho e Tânia Carvalhal (1994), recomenda-se *O evento comparatista: da morte da literatura comparada ao nascimento da crítica*, de autoria de Nabil Araújo (2019).

desempenhado pelas pesquisas em estudos culturais, que tensiona o campo da literatura comparada em direção aos estudos sociológicos, históricos e políticos, assim como aponta para a necessidade de desconstrução do modelo universalista, abarcando o particular.

O advento dos estudos pós-coloniais também viria a marcar o campo dos estudos literários e da literatura comparada. Destaca-se desta influência o movimento de demonstrar o caráter eurocêntrico da formação do cânone, que reflete um jogo de hegemonia política por parte de forças dominantes. Neste sentido, questões como valor estético, gosto e seleção podem ser explicados à luz da influência, inclusive, do poder colonial, que age por meio da criação de uma cultura pretensamente superior em detrimento de outras, tidas como menos sofisticadas. Como resultado, criam-se estereótipos e padrões simbólicos, os quais homogeneizam os grupos subalternos. Tais estereótipos, entretanto, propagam-se e se multiplicam, saindo do campo ou gênero textual em que foram formulados (tem-se, a título de exemplo, o racismo científico, ramo da ciência que propagou a inferioridade de pessoas de ascendência africana e que influenciou diversas instituições fazendo parte, sobretudo, do imaginário popular e do senso comum), integrando-se, inclusive, à psiquê das próprias vítimas da estereotipagem. Coutinho (2016, p. 183) considera tal fenômeno como “internalização do olhar do colonizador”,² o qual seria firmado, entre outros aspectos, por meio da produção e circulação de imagens em uma determinada cultura (o estudo da formação de imagens, de acordo com o pesquisador, no âmbito da literatura comparada possui o nome de imagologia e também passou por transformações ao longo do desenvolvimento da disciplina da literatura comparada, estando marcada, nos tempos contemporâneos, pelos estudos culturais).

O movimento, portanto, de desfazer tais estereótipos, ressaltando, por exemplo, a complexidade e a beleza de culturas de origem africanas ou indígenas, faz parte desta tendência pós-colonial de crítica literária e cultural. Ademais, a intelectualidade surgida a partir desta inflexão pós-colonial não somente revela a arbitrariedade e a construção da cultura dominante, que se firma através não somente do controle material, como também do discursivo e simbólico, mas também aponta as contradições, aporias e inconsistências do pensamento e do cânone hegemônico. Cabe ainda destacar o empreendimento subalterno de apontar como este mesmo projeto colonial engendra neuroses, fobias, e traumas no campo das relações humanas.³

É importante destacar também a influência dos estudos pós-modernos nos rumos da literatura comparada. O prefixo pós, no termo, não denota superação da modernidade, mas sim um revisionismo dos pressupostos que a ordenam, como bem apontou Bhabha (1994) em *The location of culture*. Neste movimento, as grandes narrativas, ou metanarrativas, são questionadas e, por consequência, também a natureza do discurso de universalidade. Com uma abertura à validade do particular, os conhecimentos

² Coutinho (2016, p. 1840), neste texto, faz menção à adoção, em escolas indianas, do ensino da literatura épica a partir de *Iliada* e *Odisséia*, excluindo do currículo obras locais mais antigas e tão complexas quanto o cânone europeu, como *Ramayana* e *Mahabharata*. A consequência da internalização do olhar do colonizador se manifesta também no esquecimento e apagamento da cultura do colonizado: “A internalização do olhar do outro, no caso mais especificamente do colonizador, levou a aberrações como a que se verificou, por exemplo, no meio escolar indiano, em que se ensinava o épico a partir da *Iliada* e da *Odisséia*, ignorando-se toda uma tradição local anterior que teve expoentes do gênero, como o *Ramayana* e o *Mahabharata*”.

³ Sobre isso ver: Fanon (1986).

“menores”, alternativos e marginais são redescobertos, e a experiência dos subalternos em larga escala é considerada no plano também de sua agência, como sujeitos da ação histórica e do conhecimento. Juntamente a este revisionismo da modernidade, o pós-moderno é, ademais, marcado pela aceitação do inacabamento e do fragmentário da experiência histórica,⁴ característica que se reflete profundamente na arte. Nesta perspectiva, a literatura comparada refletirá essas tendências do pós-moderno em suas metodologias, registrando o crescente aumento de pesquisa de literaturas não canônicas como também um alargamento dos métodos e dos objetos de estudo, os quais não somente compreendem o literário, como também outras formas artísticas e discursivas (cinema, *comic books*, música, fotografia etc.). Como bem nota Garramuño, a arte contemporânea é marcada ela mesma por uma inespecificidade em relação a sua forma e gênero, abarcando cada vez mais em seu método de composição o imbricamento dos diferentes tipos de discursos, suportes e tipos artísticos, como é o caso da instalação *Frutos estranhos*, de Nuno Ramos, que combina “natureza, tecnologia, literatura e cinema” (GARRAMUÑO, 2014, p. 94).

Cabe ressaltar que a acuidade do termo pós-moderno para designar o contemporâneo é alvo de polêmicas no meio acadêmico e no espaço deste artigo não procuramos entrar nesta guerra acerca da validade da nomenclatura. O que buscamos é ressaltar uma mudança de rumos em curso nas formas de se conceber o conhecimento que manifesta uma tendência de contestação de narrativas e métodos “mestres” (HUTCHEON, 1991). Esta nova guinada dos estudos em literatura comparada abarcará uma expansão do próprio método comparativo, que se localizará em um espaço disciplinar fronteiro, muitas vezes transdisciplinar. Deste movimento, destaca-se a infiltração da história e da historiografia, da política e da geografia, desta vez com vistas ao estudo dos tensionamentos das formas de dominação que a literatura deixa entrever. Deste modo, importa menos as relações de familiaridade e influência, mas sim o traçado de pontos de contato entre narrativas que muitas vezes se encontram distantes no tempo, no espaço e na forma, mas que conservam potencial comparativo entre problemas existentes no tecido social. Com a abordagem da nova literatura comparada

não se trata mais de privilegiar as semelhanças e diferenças como fim em si mesmo, com vistas a cartografar origens, pertencimentos, influências; importa antes enfocar processos discursivos e jogos de poder no âmbito das línguas, das textualidades e memórias, sob perspectiva ética e política. (MARQUES, 2015, p. 27-28)

Duas imagens que representam essa nova literatura comparada são a constelação e a encruzilhada. Imaginar o comparatista como um pesquisador que traça pontos em uma constelação pode simbolizar a potencialidade e o caráter expansivo do campo da comparação nos estudos literários. As ligações entre os pontos do conjunto constelar podem ser feitas de diferentes ordens e os pontos mais distantes podem ser colocados em contato uns com os outros. Da mesma maneira, a encruzilhada representa este *locus* metafórico no qual a imagem do cruzamento serve como potência filosófica acerca do ato comparativo de cruzar distintos objetos e métodos de pesquisa, produzindo, a partir desse cruzamento,

⁴ A respeito das características do pós-moderno na arte e na filosofia ver Hutcheon (1991) e Lyotard (1984). Recomenda-se ainda o famoso ensaio de Agamben (2009) a respeito do contemporâneo no qual o autor, revertendo a simbologia das luzes, que representam o iluminismo, utiliza a metáfora da escuridão para abordar o papel político do contemporâneo.

não necessariamente uma síntese dialética, mas a análise na qual a contradição, a ambiguidade e a aporia se manifestam como forças em si mesmas não como problemas.

Propomos, neste sentido, a imagem-espço da encruzilhada como símbolo de reflexão do lugar contemporâneo da disciplina da literatura comparada. Lugar de morada do ser mítico e multifacetado Exu, a encruzilhada é a imagem-conceito que representa o lugar que o crítico ocupa. Como bem aponta Leda Maria Martins (1997), a noção de encruzilhada tem origem no complexo pensamento filosófico iorubá, simbolizando tanto um lugar de interseções (temporais e espaciais) quanto a morada da divindade Exu. Assim, o crítico contemporâneo se encontra em um cruzamento no qual o tempo, o espaço, os saberes, os discursos e as formas artísticas se perpassam, criando a possibilidade de imbricamentos e caminhos diversos de se estudar e analisar o fazer literário, artístico e o conhecimento. De acordo com Gates (1988), a figura mitológica de Exu pode ser tomada pelo crítico em análogo à figura de Hermes, na medida em que aquele é tido na cultura iorubá como o ente mediador entre os homens e os deuses, isto é, Exu é o responsável por interpretar a língua divina para os humanos. Espécie de tradutor e intérprete divino, a imagem desta figura afrodiaspórica pode vir a representar o papel do crítico comparatista contemporâneo, o qual, agora, precisa lidar com uma heterogeneidade complexa de discursos distintos, provenientes muitas vezes de lugares distantes e sem conexões óbvias.

Ademais, a distância, em detrimento da semelhança e da proximidade, se mostra como um dos pontos fortes na tendência da literatura comparada contemporânea. Sobre isso, Gayatri Spivak ressalta a potencialidade da literatura e dos estudos literários de investigação de alteridades radicais, isto é, de se imaginar o outro distante. Em seu artigo “Harlem”, publicado na revista *Social Text*, a estudiosa propõe a noção de *telepoiésis*. Baseando-se em Derrida para elaborar tal conceito, a *telepoiésis* se dá no processo imaginativo do outro distante no espaço e no tempo, no cruzamento de histórias e narrativas que não são propriamente as nossas, como coloca a autora em seu texto:

If the Ghost Dance accesses something like a ‘past’ and grafts it to the ‘perhaps’ of the future anterior, *telepoiésis* wishes to touch a past that is historically not “one’s own” (assuming that such a curious fiction has anything more than a calculative verifiability, for patricians of various kinds). We must ask, again and again, how many are *we*? who are *they*? (SPIVAK, 2004, p. 117)⁵

Neste sentido, cabe ressaltar aqui que a literatura comparada contemporânea ainda conserva em partes alguns elementos antigos da velha literatura comparada que levaram ao estabelecimento deste campo móvel de pesquisa, a saber, o desejo de superação de nacionalismos, do estudo a partir do ponto fronteiro de pessoas que se veem entre mais de um território. Como afirma Welck (1994, p. 112-113), a literatura comparada foi “frequentemente cultivada por homens que se posicionavam nas fronteiras entre nações ou, pelo menos, nos pontos limites de uma nação”. O termo literatura-mundo, proposto

⁵ “Se a Dança dos Fantasmas acessa algo como um ‘passado’ e o enxerta no ‘talvez’ do futuro anterior, a *telepoiésis* deseja tocar um passado que historicamente não é ‘próprio’ (supondo que tal curiosa ficção tenha algo mais do que uma verificabilidade calculada, para patricios de vários tipos). Devemos perguntar, repetidamente, quantos somos? quem são eles?” (Tradução minha)

por David Damrosch, conceito refratário que indica “não um conjunto de textos canônicos, mas um modo de leitura: uma forma descolada de engajamento com mundos além do nosso espaço e tempo” (DAMROSCH, 2018, p. 281), pode ser uma excelente imagem para se pensar este espaço de pesquisa que busca alçar a literatura como um meio de se possibilitar a aproximação de espaços e temporalidades diferentes, de trazer o outro distante para perto, por meio da vontade de se criar um *tópos* de estudos transnacionais dos subalternos, ou colonizados, como coloca Bhabha (1994) em *The location of culture*:

Where once the transmission of national traditions was the major theme of a world literature, perhaps we can now suggest that transnational histories of migrants, the colonized, or political refugees – these border and frontier conditions – may be the terrains of world literature. The centre of such a study would neither be the “sovereignty” of national cultures, nor the universalism of human culture, but a focus on those “freak social and cultural displacements” that Morrison and Gordimer represent in their “unhomely” fictions. Which leads us to ask: can the perplexity of the unhomely, intrapersonal world lead to an international theme? (BHABHA, 1994, p. 12)⁶

O comparatismo nos estudos literários permite não somente o atravessamento entre barreiras e fronteiras, ou a própria habitação figurativa da fronteira (fronteira aqui tida não somente como espaço limítrofe entre nações, mas também entre gêneros discursivos e artísticos e disciplinas acadêmicas), como forma de criar pontes imaginativas entre o outro distante, mas também funciona no sentido reverso, isto é, de deixar ser imaginado pelo outro, outra dimensão daquilo que Spivak (2003, p. 52) chama de *teleopoiesis*: “This is imagining yourself, really letting yourself be imagined (experience that impossibility) without guarantees, by and in another culture, perhaps. Teleopoiesis. Literature is what escapes the system? you cannot speed read it”.⁷ A perspectiva reversa de Spivak sobre a imaginação do outro é um aspecto pouco observado nos estudos literários, isto é, de que há uma relação recíproca entre o pesquisador e seu objeto, onde a vida do sujeito que lê é refletida também pela vida literária do texto sendo lido.

Abro aqui um espaço para refletir sobre uma experiência pessoal que vivi no período em que compunha este presente artigo, quando realizava estágio doutoral na universidade de Harvard em 2023. Em território norte-americano, passei pela dupla experiência mental de estudar a cultura do outro e de me ver como um outro pelo próprio viés da alteridade. Tal experiência me levou a enxergar os dois espaços com mais clareza e nuances. Vi-me em uma encruzilhada com James Baldwin, autor objeto da minha tese de doutorado, na medida em que o referido escritor também saiu do próprio país para poder

⁶ “Onde antes a transmissão das tradições nacionais era o tema principal de uma literatura mundial, talvez agora possamos sugerir que as histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e limiar – possam ser os terrenos da literatura mundial. O centro de tal estudo não seria nem a ‘soberania’ das culturas nacionais, nem o universalismo da cultura humana, mas um foco nesses ‘deslocamentos sociais e culturais anômalos’ que Morrison e Gordimer representam em suas ficções ‘não-lar’. O que nos leva a perguntar: a perplexidade desse mundo interpessoal e ‘não-lar’ pode levar a um tema internacional?” (Tradução minha)

⁷ “Isso é imaginar a si mesmo, realmente deixar-se ser imaginado (experimentar essa impossibilidade) sem garantias, por e em outra cultura, talvez. *Teleopoiesis*. A literatura é o que escapa ao sistema? você não pode lê-la rapidamente” (Tradução minha)

melhor se entender e entender o que acontecia no próprio país durante a efervescência do movimento pelos direitos civis dos negros norte-americanos. Baldwin, em artigo intitulado “Stranger in the village” descreve sua estadia em um vilarejo do interior da Suíça, lugar para o qual foi a convite de um amigo para ter um local tranquilo para se dedicar à literatura. Lá, teve a experiência de se ver pelo olhar do outro, um olhar, entretanto, marcado pelo filtro do racismo e do estereótipo. Mesmo depois de um ano morando no vilarejo, o autor se vê “as much as a stranger today as I was the first day I arrived”⁸ (BALDWIN, 1998, p. 118). Sendo imaginado pelo outro e buscando entender como era imaginado pelo outro, o autor de *Notes of a native son* visualiza com mais clareza os mecanismos desumanizadores da racialização que existiam mesmo fora de seu país nativo. Enquanto passava minha temporada em Massachusetts, no território chamado de New England (nome que denuncia a reescrita de um território colonial sobre outro, autoctone), pude perceber também como os mecanismos de separação por meio dos artifícios da raça e classe poderiam se operar, sobretudo a partir da minha posição de um homem negro latino-americano. Como Baldwin, imaginei-me e busquei entender o olhar do outro, que reforçou e deixou mais nítido o meu país de origem, lugar no qual também experimentei e experimento a experiência de ser um estranho no próprio território, de ser visto como não pertencente em determinados espaços, de ser representado, muitas vezes, como uma ameaça e um perigo. Assim, a comparação tem a potencialidade de trazer mais clareza por meio do distanciamento e também da aproximação do outro distante. Visto isso, o método comparativo opera também na lógica de uma leitura distante. Sem deixar de reconhecer a importância da leitura atenta e cerrada, Spivak sugere a reaproximação da literatura comparada a esta tendência cosmopolita que esteve presente na criação da disciplina.

Telepoiésis e o outro distante

Spivak (2003), em *Death of a discipline*, sugere a aproximação da literatura comparada enquanto disciplina aos Estudos de Área, num movimento de atar o campo ao escopo geral das humanidades e dos estudos culturais. A proposta de aproximar disciplinarmente a literatura comparada aos estudos de área se baseia na sugestão da autora de tornar o campo dos estudos literários um conjunto disciplinar que “cruze barreiras” (*Crossing Borders*) e permita a visualização de formações coletivas que ultrapassem o particularismo da nação: “To supplement Comparative Literature with (comparative) Area Studies allows us to rethink mere national-origin collectivities.” (SPIVAK, 2003, p. 53). Tal proposta liga-se também à sugestão da autora de tornar as Ciências Sociais suplementares à literatura comparada. É ainda importante trazer aqui o projeto de Spivak de preconceber os estudos desse campo pelo olhar do outro: “we are going to redo Comparative Literature, then, looking for our definition in the eyes of the other, as figured in the text” (SPIVAK, 2003, p. 25). [...] A discipline always attempting to harness the power of fiction as it approaches Area Studies and the social science disciplines.¹⁰ (SPIVAK, 2003, p. 49)

⁸ “Tão estranho hoje quanto no primeiro dia em que cheguei”

⁹ “Suplementar a Literatura Comparada com Estudos de Área (comparativos) nos permite repensar as coletividades meramente de origem nacional.”

¹⁰ “Vamos refazer a Literatura Comparada, então, buscando nossa definição nos olhos do outro, conforme representado no texto”

O meio principal de se alcançar este *status* de uma disciplina renovada que se conecta com o outro, aquilo que a autora chama de “outro distante”, é por meio da imaginação: “The imagination is our inbuilt instrument of othering, of thinking things that are not in the here and now, of wanting to become others”¹¹ (SPIVAK, 2003, p. 118). A imaginação do outro, portanto, é o elemento de mediação chave desta nova literatura comparada, ao que a intelectual dá o nome de *teleopoiesis*, “a reaching toward the distant other by the patient power of the imagination, a curious kind of identity politics, where one crosses identity, as a result of migration or exile”¹² (SPIVAK, 2004, p. 116).

A proposta de Spivak de encarar a literatura comparada como uma disciplina que atravessa e permite o atravessamento de fronteiras por meio de uma *teleopoiesis*, isto é, através da imaginação do outro distante, tem como finalidade um ato ético e político de formação de coletividades por meio da língua e da linguagem, por meio do ato de criação figurativa e da recepção que desfigura essa figuração. A literatura comparada, nesta perspectiva, aproxima-se do *status* de planetariedade, em vez de somente continentalidade ou mundialidade. Nas palavras da teórica: “[...] as presumed collectivities cross borders under the auspices of a Comparative Literature supplemented by Area Studies, they might attempt to figure themselves – imagine themselves – as planetary rather than continental, global, or worldly. The planet is easily claimed”¹³ (SPIVAK, 2003, p. 72).

O termo planetariedade, de acordo com Spivak, faz mais feição, portanto, à multiplicidade inerente ao planeta terra e à alteridade que o constitui, fora do domínio classificatório, planejado e aritmético que é o globo, criado no modelo de uma linguagem de cálculo¹⁴ e divisória. A planetariedade, portanto, aponta para o coletivo, para a alteridade inerente (*underived*) ao ser humano:

To be human is to be intended toward the other. We provide for ourselves transcendental figurations of what we think is the origin of this animating gift: mother, nation, god, nature. These are names of alterity, some more radical than others. Planet-thought opens up to embrace an inexhaustible taxonomy of such names, including but not identical with the whole range of human universals: aboriginal animism as well as the spectral white mythology of postcolonial science. If we imagine ourselves as planetary creatures rather than global entities, alterity remains underived from us; it is not our dialectical negation, it contains us as much as it flings us away¹⁵ (SPIVAK, 2003, p. 73).

¹¹ “A imaginação é nosso instrumento inato de alteridade, de pensar coisas que não estão no aqui e agora, de desejar nos tornar outros”

¹² “Um estender-se em direção ao outro distante pelo poder paciente da imaginação, um tipo curioso de política de identidade, onde se cruza identidade como resultado da migração ou do exílio”

¹³ “[...] à medida que as presumidas coletividades cruzam fronteiras sob os auspícios de uma Literatura Comparada complementada por Estudos de Área, elas podem tentar se figurar – se imaginar – como planetárias, em vez de continentais, globais ou mundiais. O planeta é facilmente reivindicado”

¹⁴ Spivak (2003) traz a imagem do globo computadorizado se referindo à influência moderna das tecnologias da informação e do capitalismo globalizado sobre a divisão do território global. Ainda destaca, e aqui é importante ressaltar, que a globalização não é um fenômeno recente, sendo existente também em sociedades antigas.

¹⁵ “Ser humano é estar intencionado para o outro. Fornecemos a nós mesmos figuras transcendentais do que acreditamos ser a origem desse dom animador: mãe, nação, deus, natureza. Esses são nomes da alteridade, alguns mais radicais que outros. O pensamento planetário se abre para abraçar uma taxonomia inesgotável de tais nomes, incluindo, mas não se limitando, a toda a gama de universais humanos: o animismo aborígine, bem como a mitologia branca espectral da ciência

Apesar da ideia de Spivak recusar uma mera mundialidade, contudo, o conceito de literatura-mundo também é frutífero, na medida em que “the study of world literature might be the study of the way in which cultures recognize themselves through their projections of ‘otherness’”¹⁶ (BHABHA, 1994, p. 12). A comparação, portanto, entre literaturas que diferem entre si tanto no território nacional quanto em relação a uma cultura distante no norte global, pode fornecer um meio privilegiado de encarar como a outridade (*otherness*) pode oferecer respostas para os problemas suscitados, que se revelam, em última instância, como problemas coletivos, como também reflete Coutinho: “Trata-se, em última instância, de um comparatismo situado no contexto de onde olhamos, que, ao contrastar as produções locais com as provenientes de outros lugares, instaura uma reciprocidade cultural, uma interação plural, que induz conhecimento a partir do contacto com outras culturas” (COUTINHO, 2016, p. 190).

O arquivo na encruzilhada comparatista

Reinaldo Martiniano Marques (2015), fazendo coro ao movimento de transformação da literatura comparada, propõe o arquivo, mais especificamente o arquivo literário, como elemento de reflexão sobre o estado e os rumos da disciplina. O arquivo literário condensaria o caráter transdisciplinar dos novos estudos literários, permitindo olhar para as ambiguidades não somente do próprio campo, como também da relação entre o público e o privado, e da própria condição do contemporâneo, atravessado por múltiplas temporalidades e marcado pelo inacabamento. Foucault (2004, p. 147), em seus estudos sobre a genealogia das Ciências Humanas, destaca a importância fundamental do arquivo como um sistema que “rege o aparecimento dos enunciados”, e é categórico ao ressaltar seu caráter inacabado, lacunar e arbitrário. Nesse sentido, a reflexão acerca do arquivo literário como parte fundamental do campo da literatura comparada permite com que o caráter arbitrariamente construído da disciplina seja evidenciado sobretudo quando se tem em vista os resíduos do arquivo, componentes do arquivo literário que resistem a um ordenamento e a uma classificação homogênea:

A partir desses elementos residuais dos arquivos literários seria possível refletir, por exemplo, sobre as relações do arquivo literário com o contemporâneo, apontando alguns impactos do trabalho com esses arquivos no pensamento teórico-crítico literário e cultural. Para tanto, haveria que se tomar o arquivo literário como espaço aberto e inacabado, zona de contato e relações entre distintas temporalidades e subjetividades, capaz de promover descontinuidades e estranhamentos em relação ao tempo presente, ao ativar anacronismos potencialmente problematizadores da racionalidade arcôntica, estatal e científica, da evidência histórica, que normalmente rege o arquivo. (MARQUES, 2015, p. 22)

O arquivo, sendo uma força ordenadora que possibilita a “regularização e a normalização de discursos e saberes” (MARQUES, 2015, p. 24), pode ser lido a contrapelo a partir da perspectiva do

pós-racional. Se nos imaginarmos como criaturas planetárias, em vez de entidades globais, a alteridade não deriva de nós; ela não é nossa negação dialética, ela nos contém tanto quanto nos lança para longe” (Tradução minha)

¹⁶ “O estudo da literatura mundial pode ser o estudo de como as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’” (Tradução minha)

arquivo literário, que ao mesmo tempo em que pertence e é submetido à lógica do arquivo histórico, possui em sua formação a força da ambiguidade que permite o choque de temporalidades e vozes ao ser incorporado também na dimensão da ficção. A reflexão sobre o arquivo permite também o questionamento da seletividade do arquivamento, na medida em que saberes subalternos e marginais são submetidos à lógica da precariedade e do apagamento. Neste sentido, é possível questionar sobre o caráter etnocêntrico e elitista do arquivo literário, que não só recusa a presença de vozes subalternas como também ignora formas alternativas de arquivamento, como a oralidade e a performatividade. Para que tal questionamento se torne efetivo é preciso abordar o arquivo a contrapelo, agindo como um anarquivista, na concepção de Marques (2015), atuando como um

antilegisador, instaurando uma anomia no arquivo, de modo a desconstruir a ordem estabelecida, a desarmar a intencionalidade que a estruturou. É um sujeito desconfiado da solenidade das origens, dos protocolos da lei, da retórica do princípio, que busca subverter a ordem original, lendo os documentos de outra forma, dentro de outras (des)ordens possíveis. Ele quer, assim, deslocar as histórias já contadas e oficializadas, formulando outras maneiras de interpretar e compreender a realidade histórica, tanto a do passado quanto a do presente (MARQUES, 2015, p. 26).

O comparatista contemporâneo em Estudos Literários, portanto, deve ser munido desta vontade anarquivista, na medida em que o arquivo permite o surgimento e a manutenção do poder, instaurando a normatividade de origens e referências. Tal postura se reflete não somente na desconfiança do arquivo, como também na suposição de que existe um não dito sufocado dentro do próprio arquivo. Assim, o comparatista, em uma perspectiva benjaminiana, buscaria escovar os saberes e discursos a contrapelo. A proposta de Spivak de tornar a literatura comparada um campo em que o outro distante pudesse ser imaginado se insere nesta corrente contrária ao movimento das histórias oficiais e triunfalistas, tensionando o campo disciplinar.

A abordagem da literatura como um componente do arquivo permite a revisitação da história por meio da lente suplementar da ficção e da imaginação. Assim, problemas históricos que comumente são acessados por meio de vias tradicionais podem ser visualizados com a ótica da fabulação. A fabulação no e com o arquivo possui a capacidade da confecção de sentido a partir de pontos que a massa documental do arquivo não permite entrever. Nesse empreendimento, vale ressaltar, entra em jogo uma ética da representação e uma ética de interpretação do arquivo, problema colocado por Saidiya Hartman em “Venus in two acts”, texto no qual a intelectual problematiza as formas de se reescrever e se abordar o arquivo da escravidão com vistas a fazer surgir não somente a dimensão de números e estatísticas de uma catástrofe, como também a dimensão inaudita da vida daqueles que foram vítimas da violência escravista (HARTMAN, 2008). Ao analisar a vida de uma jovem africana escravizada a bordo de um navio negreiro e que foi torturada e assassinada, de nome Venus, Hartman (2008, p. 11) constata que:

the archive of slavery rests upon a founding violence. This violence determines, regulates, and organizes the kinds of statements that can be made about slavery and as well it creates

subjects and objects of power. The archive yields no exhaustive account of the girl's life but catalogues the statements that licensed her death¹⁷.

Diante disso, é necessário considerar a força da imaginação e da ficção, que permitem o acesso ao negado pelo arquivo. É preciso ressaltar que tal ato, ao mesmo tempo que se coloca como uma possibilidade de releitura da história, vai em contrapartida aos paradigmas da fidelidade extrema ao fato documental exigidos pela historiografia tradicional, que tem nos documentos única fonte legítima de investigação do passado (e é importante ressaltar, ademais, que nem mesmo a construção de um arquivo factual é livre de atos de imaginação, na medida em que o arquivo é, em primeira instância, imaginado). É necessário ter consciência também de que a releitura da história por meio da ficção não se confunde com a própria história ou historiografia, na medida em que cruza com esta a imaginação daquela. A literatura comparada se mostra um campo privilegiado de tal empreendimento, pois é acionada a partir deste lugar fronteiro entre história e ficção e outros possíveis campos do conhecimento. Ao se aproximar os métodos da ficção e da narração com a história, cria-se uma possibilidade de tensionamento do arquivo, assim como de imaginação de uma alteridade radical, distante no tempo e no espaço, mas que carece de uma outra voz articulada por uma linguagem que não seja idêntica à gramática violenta do arquivo. Hartman chama este exercício de fabulação crítica, um exercício de investigação historiográfica suplementado pela imaginação e pela narração. Nas palavras da intelectual:

By playing with and rearranging the basic elements of the story, by re-presenting the sequence of events in divergent stories and from contested points of view, I have attempted to jeopardize the status of the event, to displace the received or authorized account, and to imagine what might have happened or might have been said or might have been done. By throwing into crisis 'what happened when' and by exploiting the 'transparency of sources' as fictions of history, I wanted to make visible the production of disposable lives (in the Atlantic slave trade and, as well, in the discipline of history), to describe 'the resistance of the object,' if only by first imagining it, and to listen for the mutters and oaths and cries of the commodity. By flattening the levels of narrative discourse and confusing narrator and speakers, I hoped to illuminate the contested character of history, narrative, event, and fact, to topple the hierarchy of discourse, and to engulf authorized speech in the clash of voices. The outcome of this method is a 'recombinant narrative', which 'loops the strands' of incommensurate accounts and which weaves present, past, and future in retelling the girl's story and in narrating the time of slavery as our present (HARTMAN, 2008, p. 11-12).¹⁸

¹⁷ "O arquivo da escravidão repousa sobre uma violência fundadora. Essa violência determina, regula e organiza os tipos de declarações que podem ser feitas sobre a escravidão e, além disso, cria sujeitos e objetos de poder. O arquivo não oferece um relato exaustivo da vida da menina, mas cataloga as declarações que legitimaram sua morte." (Tradução minha)

¹⁸ "Ao brincar com e reorganizar os elementos básicos da história, ao rerepresentar a sequência de eventos em histórias divergentes e de pontos de vista contestados, tentei comprometer o *status* do evento, deslocar o relato recebido ou autorizado e imaginar o que poderia ter acontecido, o que poderia ter sido dito ou feito. Ao lançar em crise o 'o que aconteceu quando' e ao explorar a 'transparência das fontes' como ficções da história, quis tornar visível a produção de vidas descartáveis (no comércio atlântico de escravos e, também, na disciplina da história), descrever 'a resistência do objeto', mesmo que inicialmente apenas por imaginá-la, e ouvir os murmúrios, juramentos e gritos da mercadoria. Ao nivelar os discursos narrativos e confundir narrador e falantes, esperei iluminar o caráter contestado da história, da narrativa, do evento e do

A força da imaginação, logo, é elemento fundamental neste movimento de visitação da história, de dar vida a agentes que foram sufocados e reinterpretar o arquivo do passado. Inserir a imaginação no procedimento de interpretação se mostra, portanto, como um projeto de escrever o impossível, conceber o que poderia ter sido ou acontecido. Tomando como exemplo as literaturas de autoria negra nas Américas, a fabulação crítica pode vir a ser um forte instrumento de preenchimento, sempre incompleto, das lacunas existentes no arquivo da escravidão e do pós-abolição, na medida em que o silêncio sobre ele opera como uma força de apagamento e de amarra sobre as vidas de incontáveis sujeitos históricos. Reimaginar o passado por meio da fabulação é uma forma de recriar vozes perdidas e esquecidas, e de desfazer as tramas que o passado histórico opera sobre o futuro. Nas palavras de Baldwin (1998, p. 119) em “Stranger in the village”, “people are trapped in history and history is trapped in them”¹⁹. Reimaginar o passado pode se mostrar como um empreendimento, paradoxal, de desfazer as amarras da história.

Considerações finais: cronotopos das encruzilhadas literárias

A reflexão a respeito do estado da literatura comparada pode levar, inclusive, a uma contestação do termo, na medida em que não existem necessariamente diferenças profundas entre os estudos em literatura comparada e os estudos literários em geral, uma vez que o objeto de ambos é o mesmo, isto é, discursos literários, e a prática da comparação pode ser feita entre literaturas de um mesmo local. Wellek (1994) propõe a dissolução do termo em seu famoso ensaio “A crise da literatura comparada”. É necessário ressaltar que o texto de Wellek revela um certo elitismo ao condenar o estudo da literatura comparada entre autores “menores”. Além disso, seu ensaio, que anuncia a crise de um campo que nunca se manifestou com estruturas sólidas e propõe até mesmo a não utilização do termo literatura comparada e adoção somente da expressão “Estudos Literários”, reivindica a abordagem de análises intrínsecas (que se atém a estratos de literariedade presentes na estrutura de um texto) em detrimento de extrínsecas (tido por ele como a psicologia do autor ou a sociologia de um contexto).

Wellek, a nosso ver, ao rejeitar a penetração dos estudos culturais no âmago dos estudos literários, retira uma das linhas de força daquilo que recusa chamar de literatura comparada. Ao propor um estudo literário voltado quase que exclusivamente para a “estrutura estratificada de signos e significados” (WELLEK, 1994, p. 118), o autor ignora a própria natureza do signo linguístico, que é social em sua essência (BAKHITIN, 2008). Desse modo, excluir o horizonte cultural e histórico da análise como forma de firmar o campo dos Estudos Literários vai em contrapartida a um vetor de potência da língua e do significado. Entretanto, é necessário ter sempre em mente a propriedade do discurso literário, o qual é situado também em uma área de expressão artística, que, apesar de não ter exclusividade sobre a função expressiva da língua (usamos metáforas e “expressões poéticas”, por exemplo, até mesmo em uma simples conversação cotidiana), manipula a capacidade figurativa da linguagem com mais intensidade e intencionalidade. Assim, a dicotomia entre a questão da forma e conteúdo seria melhor superada se

fato, derrubar a hierarquia do discurso e engolfar o discurso autorizado no choque de vozes. O resultado desse método é uma ‘narrativa recombinante’, que ‘entrelaça as vertentes’ de relatos incongruentes e que tece presente, passado e futuro ao recontar a história da menina e narrar o tempo da escravidão como nosso presente” (Tradução minha)

¹⁹ “As pessoas estão presas na história, e a história está presa nelas” (Tradução minha)

enxergamos a dinâmica interna do discurso em confluência com o contexto social. Neste sentido, a leitura cerrada (*close reading*) convive e não se opõe à leitura distante (*distant reading*) (SPIVAK, 2004) (e nesta perspectiva, a proposta de Spivak de uma sobrevida da literatura comparada calcada na fusão das humanidades com o estudo de áreas, ao mesmo tempo em que se atenha ao cuidado da leitura e da desfiguração dos signos, se mostra de fato muito proveitosa).

A escrita literária é um lugar no qual diferentes instituições se cruzam, na medida em que a literatura, sobretudo por meio da narrativa, articula a experiência humana através do tempo (RICŒUR, 2010; WATT, 2010; LUKÁCS, 2007). Assim, se o signo se sedimenta na estratificação, também a história e a realidade o fazem. Por conseguinte, não somente as instituições humanas se cruzam no literário, como também as suas temporalidades. A metáfora da encruzilhada, portanto, pode vir a animar este novo comparatismo, juntamente com a consolidada ideia bakhtiniana de cronotopo, criando o cronotopo comparativo da encruzilhada. A encruzilhada não somente é local de confluência espacial, como também de cruzamento temporal, de entrelaçamento e/ou justaposição do passado e do futuro, criando dobras imaginativas no espaço e tempo. Na encruzilhada os sentidos se chocam, sem que uma síntese seja o resultado obrigatório deste conflito. A encruzilhada literária permite também o cruzamento de disciplinas e campos do saber, na medida em que os caminhos se atravessam. Comparar na encruzilhada permite a demora na contradição, na ambiguidade e no paradoxo, tropos tão afeitos à nossa condição contemporânea. Tal ato, vale ressaltar, para que seja aproveitado em sua potência máxima, depende do rigor de manipulação dos diferentes conceitos e disciplinas sendo colocadas em atravessamento, a fim de que os caminhos abertos na encruzilhada não enganem e iludam o próprio crítico e intérprete.

O cronotopo da encruzilhada é habitado pela figura de Exu, entidade que simboliza o processo de interpretação e confusão da linguagem, pois, dentre várias funções e sentidos, ele é o mensageiro responsável por traduzir a língua dos deuses aos mortais, podendo, inclusive, confundir a mensagem, alterando-a ao receptor. De acordo com Henry Louis Gates Jr. (1988, p. 6-7) em *The signifying monkey*: “Esu is the guardian of the crossroads, master of style and stylus. [...] For Esu is the Yoruba figure of the meta-level of formal language use, of the ontological and epistemological status of figurative language and its interpretation”²⁰. A metáfora da encruzilhada permite uma interpretação exusíaca do texto, uma abordagem não circunscrita no âmbito religioso, mas sim na força mitológica da figura de Exu, à maneira da simbologia da entidade Hermes, um deus também mensageiro da mitologia grega, que fundamentou o conceito de hermenêutica, ligado aos artificios da interpretação. A interpretação exusíaca do texto encruzilhada é, portanto, uma maneira dialógica de abordar o discurso em sua magnitude diversa e plural, atravessado e justaposto por temporalidades, instituições, espaços e sentidos, muitas vezes não sintéticos, em que as diferenças coabitam. Tomamos o símbolo da encruzilhada como potencial interpretativo na perspectiva, também, abordada por Leda Maria Martins sobre o conceito:

A encruzilhada, *locus* tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios

²⁰ “Exu é o guardião das encruzilhadas, mestre do estilo e da caneta. [...] Pois Exu é a figura iorubá do uso formal da linguagem em nível meta, do *status* ontológico e epistemológico da linguagem figurativa e de sua interpretação” (Tradução minha)

discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como lugar terceiro, é geratriz de produção sógnica diversificada e, portanto, de sentidos. [...] Nessa concepção de encruzilhada discursiva destaca-se, ainda, sua natureza móvel e deslizante, no movimento da cultura e dos saberes ali instituídos (MARTINS, 2021, p. 34-35).

Neste tropo sobrevive a ideia também de interseccionalidade, radical, pois sua concepção de diversidade se expande para além do humano e natural, abarcando a ecologia e o não humano como coabitantes do planeta. Sendo, também, um espaço que se opera de acordo com uma lógica da criação, a figura da encruzilhada literária permite o cruzamento entre formas de expressão e linguagem, *lócus* no qual os gêneros do discurso podem ser também embaralhados. A figura da encruzilhada como meio de leitura surge, vale ressaltar, no procedimento de comparação entre narrativas subalternas, de construtos poéticos que permitem a figuração e imaginação do *outro* explorado, cujos autores utilizam a escrita como forma de permanência em um mundo hostil. A encruzilhada aponta também para formas culturais da diáspora africana transatlântica, na medida em que é um tropo recriado pelos descendentes de africanos escravizados nas Américas. A encruzilhada é habitada por Exu, figura mitológica que, assim como Hermes, pode ser utilizada para se pensar a linguagem, porque Exu é um deus-símbolo transatlântico que possui o domínio sobre a interpretação e a desentendimento. A figura da entidade se encontra também nos resíduos poéticos que confundem o dominador, criando formas de linguagem que não podem ser inteiramente controladas por forças hegemônicas. A releitura da tarefa do crítico da literatura comparada como aquele que exerce seu ofício em uma encruzilhada pode contribuir para o melhor entendimento do local heterogêneo, transdisciplinar e complexo em que o comparatista busca criar redes de contato e significado.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ARAÚJO, Nabil. *O evento comparatista: da morte da literatura comparada ao nascimento da crítica*. Londrina: Eduel, 2019.
- BALDWIN, James. Stranger in the village. *Genius*. 1998. Disponível: <https://genius.com/James-baldwin-stranger-in-the-village-annotated>. Acesso em: 15 out. 2024.
- BHABHA, Homi K. *The location of culture*. New York: Routledge, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense Universitária, 2008.
- CARVALHAL, Tânia Franco; COUTINHO, Eduardo. *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada hoje. In: ABDALA JR., Benjamin (org.) *Estudos Comparados: teoria, crítica, metodologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. p.17-42.
- COUTINHO, Eduardo F. O novo comparatismo e o contexto Latino-Americano. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 181-191, maio/ago. 2016.
- DAMROSCH, David. *What is world literature?* Princeton: Princeton University Press, 2018.
- FANON, Frantz. *Black skin, white masks*. Trad. Charles Lam Markmann. Prefácio de Ziauddin Sardar e Homi K. Bhabha. London: Pluto Press, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- GATES JR., Henry Louis. *The signifying monkey: a theory of Afro-American literary criticism*. New York: Oxford University Press. 1988.
- HARTMAN, Saidiya. Venus in two acts. *Small Axe*, Baltimore, v. 12, n. 2 p. 1-14, jun. 2008.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. de Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2007.
- LYOTARD, Jean-François. *The postmodern condition: a report on knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2015.
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Mazza Edições, 1997.
- RICEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v. 1.
- SPIVAK, Gayatri. *The death of a discipline*. 20th anniversary ed. New York: Columbia University Press, 2003.
- SPIVAK, Gayatri. Harlem. *Social Text*, Baltimore, v. 22, n. 4, p. 113-139, 2004.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WELLEK, René. A crise da literatura comparada. Trad. Maria Lúcia Rocha-Coutinho. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 109-119.

Recebido em 9 de abril de 2025.

Aprovado em 18 de agosto de 2025.

Resumo/Abstract

Problemas da literatura comparada contemporânea: encruzilhadas literárias

Harion Custódio

O presente artigo tem como objetivo realizar um breve balanço das mudanças sofridas pela disciplina de literatura comparada ao longo do tempo, destacando as principais tendências contemporâneas a partir da visão de estudiosos de grande influência nos estudos sobre o mencionado campo. Passando por uma breve contextualização da disciplina no século XIX, destacamos de que modo a literatura comparada contemporânea se distancia dos paradigmas do método de influência e familiaridade e passa a enfocar uma mirada à alteridade, à interdisciplinaridade e à interseção entre distintos meios discursivos. Resaltamos, nesse momento contemporâneo, os conceitos de *teleopoiésis* (SPIVAK, 2004), fabulação crítica (HARTMAN, 2008) e encruzilhada (GATES, 1988), os quais representam o direcionamento da disciplina em direção ao *outro*, à lida com o arquivo e com o atravessamento de fronteiras disciplinares. Ao final, propomos a imagem da encruzilhada literária como modelo que simboliza o ato comparativo do pesquisador contemporâneo em literatura comparada.

Palavras-chave: literatura comparada, contemporâneo, encruzilhada, estudos literários, literatura.

Contemporary issues in Comparative Literature: the literary crossroads

Harion Custódio

This article aims to provide a brief overview of the changes that the Comparative Literature discipline has undergone over time, highlighting the main contemporary trends through the lens of highly influential scholars in the field. Beginning with a short contextualization of the discipline in the 19th century, we emphasize how contemporary Comparative Literature moves away from the paradigmatic methods of influence and familiarity, shifting its focus toward alterity, interdisciplinarity, and the intersection between different discursive mediums. In this contemporary moment, we highlight the concepts of *teleopoiésis* (SPIVAK, 2004), critical fabulation (HARTMAN, 2008), and the crossroads (GATES, 1988), which represent the discipline's turn toward the *other*, to the engagement with the archive, and the crossing of disciplinary boundaries. In conclusion, we propose the image of the literary crossroads as a model that symbolizes the comparative act of the contemporary scholar in Comparative Literature.

Keywords: Comparative Literature, contemporary, crossroads, literary studies, literature.